

Concepção de fantasma em Tomás de Aquino

Gilson Damasceno Linhares¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo, apresentar a importância da noção de *fantasma* na teoria do conhecimento de Tomás de Aquino. Para isso iremos fazer uma análise do processo de formação dos *fantasmas* a partir da experiência sensível, dos dados recebidos pelos órgãos sensíveis até chegar ao sentido interno da *imaginação* que produz com tais dados o próprio *fantasma* enquanto representação da experiência sensível. Após analisarmos tal formação do *fantasma*, faremos uma análise dos dois modos como o *fantasma* se relaciona com o intelecto humano. O primeiro modo é denominado por Tomás de *Abstração*, que é a relação entre o *intelecto agente* e o *fantasma*, nesta relação o *intelecto agente* desconsidera a matéria que individualiza a coisa e considera apenas sua forma essencial, para conhecer a forma universal. O segundo modo é denominado de *Conversão*, que é a relação entre o *intelecto possível* e o *fantasma*, o *intelecto possível* forma um conceito após o ato abstrativo e solicita à faculdade imaginativa uma imagem que corresponda ao conceito, para conhecer a coisa particular.

Palavras-chave: Fantasmas. Abstração. Intelecto. Imaginação. Conversão.

O principal objetivo deste texto é analisar qual é o conceito de fantasma presente na filosofia Tomista, baseando-se principalmente nas questões 78 e 84 da *Suma de Teologia*², como este é formado e quais são as duas relações que o *fantasma* tem para com o intelecto no processo do conhecimento humano, a saber, no ato *abstrativo* e na *conversão ao fantasma*.

O *fantasma* é um modo de apreensão instantâneo do intelecto sobre as afecções recebidas pelos sentidos. Segundo Tomás o ser humano não pode conhecer coisa alguma sem recorrer aos fantasmas que pretendem representar às experiências sensíveis, então a operação intelectual depende simultaneamente dos sentidos como vimos na seção anterior. Os *fantasmas* cumprem, segundo Pasnau (PASNAU, 2004, p. 279), algumas funções fundamentais para a formação do conhecimento humano, duas aparecem com destaques: 1- Fornecem os elementos básicos que possibilitam a formação dos conceitos e 2- Fornecem os conteúdos atuais do pensamento. Assim a fonte natural de onde o in-

1. Graduando em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

2. Suma de Teologia será referida como ST.

telecto obtém as informações que precisa para conhecer as coisas são: Os *fantasmas* que são as representações dos dados reunidos a partir da experiência sensível, são imagens individuais que possuem certa semelhança com os corpos do mundo externo, são ainda o resultado do modo como os corpos físicos afetaram os nossos órgãos dos sentidos. Mas, o que é percebido pelos sentidos? As qualidades sensíveis das coisas. A afecção recebida pelos sentidos das qualidades sensíveis ocorre uma ação das coisas sensíveis sobre os nossos sentidos, o nosso intelecto se relaciona com o fantasma das coisas sensíveis produzida pela faculdade da imaginação de duas formas conforme se segue.

A relação entre o *intelecto agente* e a *imaginação*, aparece da seguinte maneira como Tomás expressa em *ST I^o q. 85 a. 1* “o nosso intelecto abstrai as espécies inteligíveis dos fantasmas”. Nesta relação à *imaginação* apresenta ao intelecto agente uma imagem da coisa sensível, e este abstrai à espécie inteligível de tal representação, após isso o *intelecto agente* para concretizar o processo de conhecimento, apresenta tal espécie no *intelecto possível* e este ao ser informado produz o conceito como resultado deste processo. A outra relação, é a do *intelecto possível* com a *imaginação* denominada por Tomás na *ST I^o q. 84 a. 7* “Daí para que o intelecto conheça em ato seu objeto próprio, é preciso que se volte para as representações imaginárias a fim de considerar a natureza universal existente no particular”; tal ato é denominado de *conversão ao fantasma*.

Após o processo inicial de conhecimento que é a relação abstrativa vista acima, o *intelecto agente* obteve o objeto próprio do *intelecto possível* que é a natureza universal, que existe na coisa, após isto o *intelecto possível* produz o conceito, a conversão ao *fantasma* se dá no momento de atualização desse conceito, quando o *intelecto possível* exige da *imaginação* uma imagem atual da coisa que se refere ao conceito, para que agora possamos atualizar o conceito e aplicá-lo aos particulares.

A necessidade de se recorrer à imagem se dá pelo fato do nosso objeto de conhecimento ser a *quididade* da coisa sensível e existir unido à matéria corpórea, individual. Por exemplo, se em nosso *intelecto possível* temos atualmente o conceito do animal gato, o nosso intelecto exige da *imaginação* uma imagem de gato para nos auxiliar no pensamento atual. Voltemos agora ao processo do *fantasma*, sendo o *fantasma* um resultado, ele é a reunião do que os sentidos lhe transmitiram, não sendo, portanto, apenas o próprio ato da sensação visual, mas ele é o resultado de uma complexa atividade desenvolvida, que compreende vários estágios que fazem a transição entre os dados sensíveis.

Como visto os órgãos dos sentidos atualizam a atividade da potência sensitiva da alma, Pasnau destaca que a capacidade sensitiva da alma possui para Tomás, duas estruturas, que dizem respeito aos *sentidos internos* e os *sentidos externos*, como apresentados na seção anterior (PASNAU, 2004, p. 280). Os sentidos internos já se encontram em ato de alguma maneira, já os sentidos externos se encontram em potência em relação ao mundo material, ou seja, eles são passivos e precisam sofrer uma ação dos objetos do mundo externo para entrarem em ato. A parte *externa* dos sentidos é constituída basicamente pelos nossos órgãos dos sentidos, esta parte dos sentidos recebe aquilo que Tomás denomina de *species sensível* ou a estrutura formal do objeto sensível. Apesar de captar a matéria individual através dos *sentidos externos* tal *species sensível* que é uma semelhança da coisa material que nos afetou é retida pelos sentidos internos ao modo de semelhança da coisa sensível, pois é transformada numa imagem da coisa individual.

Os sentidos internos recebem estes dados percebidos pelos *sentidos externos* e tem um papel bem definido como veremos a seguir, que é o de apresentar ao intelecto uma representação da coisa sensível sobre a qual ele (o intelecto) poderá extrair a parte *species inteligível* da coisa, isto é, a parte formal aquilo pelo qual o *intelecto possível* pode

conhecer. A estrutura dos *sentidos internos* está dividida em quatro faculdades internas: o *sentido comum*, a *imaginação*, o *poder cogitativo* e *memória*. Estes *sentidos internos* são necessários para que o intelecto humano possa acessar os dados sensíveis, por que eles dão a capacidade ao ser humano de preservar as afecções sensíveis, dentre os sentidos internos apresentados, três são as faculdades internas responsáveis por preservar as afecções sensoriais: o *sentido comum* é responsável por recolher e preservar inicialmente estas sensações, este sentido interno é como que um intermediário que estabelece uma conexão entre os sentidos externos e internos, apresentando ainda a conexão entre a sensação e o objeto que causou determinada sensação.

Tais dados são conduzidos para a segunda faculdade interna. A *imaginação (fantasma)* que representa do modo mais semelhante possível o modo como os sentidos foram afetados, é preciso destacar aqui, que apesar desta faculdade se chamar *imaginação* ela não tem a mera função de transmitir imagens, mas *representações* de acordo com o órgão do sentido que foi afetado, então ao mesmo tempo em que ela representa o cheiro percebido, também representa o som objeto do sentido auditivo e assim sucessivamente. A terceira faculdade é a *memória*, esta preserva o que foi apreendido pela faculdade do *poder cogitativo* uma espécie de razão particular, pois está ligada a sensibilidade, o que foi preservado já carrega uma intenção, pois o *poder cogitativo* distingue as sensações que nos foram afetadas como convenientes ou inconvenientes, assim há uma discriminação ante a experiência a ser preservada na *memória* e a sensação recebida, a conveniência de fugir ou de se aproximar dela. Percebemos então que estas três faculdades o *sentido comum*, a *imaginação* e a *memória*, tem como função a preservação das experiências sensíveis, contudo as lembranças mais gerais se referem aos *fantasmas* produzidos pela *imaginação*, enquanto que uma lembrança associada a alguma experiência particular passada se recor-

re à *memória*. Portanto em Tomás as faculdades da *memória* e o *poder cogitativo* estão conectados, já que o último discrimina as experiências como convenientes ou inconvenientes.

Mas uma questão pode ser colocada, o que garante a semelhança dos *fantasmas* com os objetos sensíveis? Como vimos o fantasma não é uma construção arbitrária, mas que tem seu fundamento na coisa sensível e nos dados recolhidos de cada um dos sentidos. Mas como abordamos anteriormente a relação entre o *intelecto possível* e a *imaginação* podemos levantar uma questão no que diz respeito à *conversão*. Como Tomás apresenta na *ST I^o q. 85 a. 2 res. 3*, o intelecto possível tem a capacidade de *compor/dividir*, podendo, portanto, produzir novos conceitos ainda que estes não tenham sido apreendidos através da experiência sensível, formando então conceitos fictícios e como vimos anteriormente, para pensar ou atualizar um conceito tal intelecto solicita como apoio, em tal ação, uma imagem para representar tal conceito. Assim, a *imaginação* executa, ainda que subordinada, neste caso, ao *intelecto possível*, outro papel de *composição/divisão* de imagens, podendo produzir imagens diferentes das coisas apreendidas através da experiência sensível. Contudo, esta operação nos permite que sejamos capazes de formar imagens nunca vistas na realidade, como um elefante rosa, por exemplo, ou um centauro. (*ST I^o, q. 85, a. 2 ad. 3*) Ora, sendo a imaginação esta faculdade capaz, neste caso, de subordinação ao *intelecto possível*, de produzir imagens nunca vistas na realidade, ela não poderia nos conduzir a experiências ilusórias? Para Tomás a *imaginação* não desempenha o papel de produzir experiências sensíveis, distante disso ela é apenas uma maneira que a alma humana utiliza para organizar e armazenar o modo como os objetos sensíveis afetaram a nossa sensibilidade, assim a *imaginação* não é um sentido de percepção. Todavia, segundo Pasnau comenta, Aquino em algum momento se remete a um princípio sensível (*sentido comum*) da alma no seu livro

Sentença sobre a Alma III, lec. 3, que pode produzir tais experiências, denominado *sentido comum* (PASNAU, 2004, p. 282). Tal princípio pode produzir experiências sensíveis ilusórias, já que todas as afecções sensitivas podem ocorrer através da mudança do nosso estado físico. Por exemplo, quando estamos acordados e plenamente conscientes, conduzimos espontaneamente as informações (espécies) apreendidas e preservadas internamente, ou seja, uma lembrança. Obtemos nesse caso a lembrança diretamente dos tesouros (*sentidos internos*) isto é, da *imaginação* e da *memória*, e tal princípio sensível produz as experiências sensíveis ilusórias com base nestas experiências anteriores.

Somente após este movimento de passagem do que foi armazenado pela *imaginação* e pela *memória* para o *sentido comum* (parte da alma que possibilita as sensações) é que se torna possível a produção ilusória de alguma coisa. Ou ainda, em um estado de doença em que o sujeito perceba as coisas de modo confuso, aí com base no que a *imaginação* recolhe dos sentidos ela irá produzir ilusões, não propriamente a experiência falsa, já que a produção do *fantasma* ocorre somente após a experiência sensível, porém ela fornece tal representação falsa para o sentido comum e este reproduz a experiência. Mas, Tomás reforça ainda que em um estado saudável não ocorrerão tais situações.

Após verificar as operações realizadas pelos *sentidos internos* e *externos*, notamos que os nossos órgãos dos sentidos são passivos em relação às ações dos objetos do mundo externo, que captam a *species sensível* da coisa, neste momento a apreensão da coisa é tomada num aspecto material e individual este é o primeiro estágio da apreensão humana. Depois que os sentidos são afetados pelos objetos sensíveis o *sentido comum* conduz os dados recolhidos dos sentidos até a *imaginação* que recebe tais sensações, reúne todos os dados numa representação (*fantasma*) que é semelhante à coisa sensível e produz uma imagem da coisa, que ao contrário dos órgãos dos sentidos, esta facul-

dade sensível interna, representa a apreensão como uma substância composta, portanto, o *fantasma* compreende tanto a forma quanto à matéria neste *fantasma* a coisa é tomada no mesmo grau tanto forma quanto matéria. Portanto, a *imaginação* não é um sentido interno totalmente passivo, mas tem uma capacidade ativa na formação de imagens.

Pasnau entende que no processo de apreensão tal ato ocorre em diferentes graus, os sentidos, por exemplo, apreendem mais o aspecto material do que a forma da coisa, na direção contrária, o intelecto apreende mais a parte formal do que a parte material da coisa. (PASNAU, 2004, p. 283) O *fantasma* preserva os aspectos materiais, pelo fato de ser uma faculdade ligada aos sentidos, contudo, sem dar tanta ênfase a esta parte da coisa apreendida, como fazem os órgãos sensíveis, porém elas preservam também em potência a essência da coisa que ela representa, sendo, portanto, algo que é potencialmente cognoscível ao intelecto. De modo que o fantasma ao não dar destaque nem a forma nem a matéria, mantém as características de ambos ‘equilibradas’ enquanto substâncias compostas (forma/matéria), permanecendo sua constituição hilemórfica (WHITE, 2005, p. 132-133). Após a formação do fantasma este é apresentado ao nosso *intelecto agente*, porém, como vimos o fantasma preserva ainda os aspectos formais e materiais em graus parelhos, de modo que o *intelecto possível* não tem acesso direto ao objeto que lhe é próprio, ou seja, a essência das coisas. É preciso então que o *intelecto agente* abstraia a natureza a partir do *fantasma*, esta estrutura da forma apreendida a partir do *fantasma* é o que Tomás chama de *espécie inteligível*³. Nesta operação inverte a prioridade que foi dada nos sentidos, agora a forma é apreendida em um grau mais forte do que a matéria, depois que o *intelecto agente* abstrai a forma do *fantasma* ele imprime tal natureza no *intelecto possível*, que existe como uma tábula rasa, onde não traz nada escrito, assim o *intelecto possível*

3. Essa essência é o que permite a universalidade.

que recebe aquilo que estava apenas em potência no fantasma, à sua inteligibilidade e isto possibilita uma mudança de estado do *intelecto possível* à passagem da potência para o ato, pois agora tem o objeto que lhe é próprio a disposição.

Contudo, Aquino não apresenta este tipo de distinção de graus na apreensão humana do modo como Pasnau entende, todavia segue o princípio: “o recebido está no recipiente ao modo do recipiente”. Portanto, parece que não há um jogo de menor ou maior, materialidade ou imaterialidade, antes Tomás diz explicitamente:

E, semelhantemente, o intelecto recebe, ao seu modo, imaterial e imovelmente, as espécies móveis e materiais dos corpos; pois o recebido está no recipiente ao modo deste. Logo, deve-se concluir que a alma, pelo intelecto, conhece os corpos por um conhecimento imaterial, universal e necessário. (TOMÁS, 2006, p. 83)

O fato é que a composição hilemórfica (forma/matéria) se apresenta ao sujeito que conhece, porém cada parte do composto que é o ser humano que é capaz de apreender as coisas que lhe aparecem, recebe aquilo que lhe concerne, o intelecto que é a parte formal humana capta os aspectos formais da coisa, enquanto que os sentidos captam as qualidades sensíveis. Na apreensão dos sentidos não há um grau menor do aspecto formal, o que se apresenta é o composto, todavia Aquino diz que os sentidos só podem conhecer os aspectos materiais. O mesmo ocorre com o intelecto que só conhece aquilo que é imaterial, a imaterialidade é a condição da inteligibilidade segundo Aquino e mesmo quando há alguma consideração da matéria diante da espécie inteligível, tal matéria é abstrata, pois se trata de uma espécie imaterial e, portanto universal. (ST. I^o, q. 84, a. 2)

Podemos concluir então, que o intelecto apreende a coisa de modo distinto a maneira como esta coisa existe na realidade⁴. Porém, vimos

4. “O recebido está no recipiente ao modo do recipiente”.

que o ato abstrativo exercido pelo *intelecto agente* é necessário e o responsável pela realização do conhecimento, ele transforma o que foi apreendido pelos sentidos, que era apenas potencialmente inteligível para o intelecto, e após se debruçar sobre o *fantasma* e abstrair a forma desta representação, transforma o que foi apreendido pelos sentidos em algo atualmente inteligível. Parte do intelecto, a parte denominada *intelecto possível*, que após o ato acima passa a produzir os conceitos, os conceitos são o modo da mente expressar o que diz respeito à essência.

A faculdade imaginativa como nós vimos possui uma segunda operação, a de apresentar a representação sensível para as outras faculdades, entre elas, o *fantasma* tem como função apresentar imagens para o nosso intelecto. Em uma descrição operacional a faculdade da *imaginação (fantasma)* imprime a representação construída a partir dos dados sensíveis recebidos pelos órgãos para duas faculdades da alma, a saber: a razão e o *sentido comum*. Façamos uma breve retomada das capacidades do *fantasma*, o que ele é e a importância do seu papel mediador.

Os *fantasmas* são os dados recolhidos de cada um dos sentidos, como vimos ele desempenha três atividades: organizar as informações que recebemos pelos sentidos, representar de modo semelhante à coisa sensível e apresentar o *fantasma* ao *intelecto agente*. Por que é necessário um intermediador entre o intelecto e os sentidos?

O sentido e a imaginação são os responsáveis pela apreensão das coisas no particular, única maneira de o intelecto se deter sobre a quiddidade delas que é o seu objeto próprio de conhecimento. (TOMÁS, 2006, p. 119)

Aqui Tomás apresenta novamente a distinção de objetos que são apreendidos entre o corpo (sentidos) e a alma (intelecto). Em outro momento ele reforça esta ideia dizendo: “O intelecto diz respeito ao necessário e que se apresenta sempre do mesmo modo. Ora, os corpos são mutáveis e não se apresentam sempre do mesmo modo. Portanto,

a alma não pode conhecer os corpos pelo intelecto.” (TOMÁS, 2006, p. 77). Assim percebemos que o corpo e o intelecto conhecem apenas coisas de naturezas semelhantes a sua. O intelecto está em um extremo de apreensão: o ser inteligível portanto o intelecto apreende sempre de modo imaterial, universal, necessário, enquanto que os objetos sensíveis tem um ser material, singular, contingente (ST I^o, q. 84, a.8, Respondeo)⁵. Então se faz necessária uma atividade que reúna aquilo que foi obtido pelos sentidos e apresente ao intelecto de uma maneira que ele possa ter acesso, é preciso que a faculdade imaginativa pegue estes dados sensíveis e os transforme numa imagem da coisa sensível (Forma da coisa sensível), isto é entregue a imagem de um singular enquanto *species sensível*, ou seja, apresente ao intelecto o singular de modo imaterial, para intermediar estas duas naturezas, já que o fantasma não se apresenta num grau de materialidade tão forte quanto os sentidos. Carlos Arthur Nascimento ainda fala sobre o fantasma como intermediador:

(...) é o indivíduo humano quem por seu intelecto ativo e recipiente, não por que se confronte com um intelecto transcendente ou se volte para ele, mas por que se confronta com as imagens ou fantasias que os sentidos lhe proporcionam. O acesso às realidades imateriais transcendentem tem de passar necessariamente pelo trato com o mundo material; (...) (NASCIMENTO, 2006, p. 39)⁶.

Este processo demonstra o porquê o intelecto não pode fazer um julgamento perfeito se não for se debruçando o fantasma formado a partir das afecções sensíveis, assim o ponto de partida para o julgamento do intelecto são sempre os *fantasmas*.

5. “(...) o objeto próprio do nosso intelecto é a natureza da coisa sensível.”

6. Introdução: As questões da primeira parte da suma de teologia de Tomás de Aquino sobre o intelecto humano.

Referências

AQUINO, Tomás de. *Suma de Teologia*. [Primeira parte, Questões 84-89]. Edição Bilíngue. Trad. C. A. R. do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2006.

NASCIMENTO, C. A. R. “As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano”. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. [Primeira parte, Questões 84-89]. Edição Bilíngue. Trad. C. A. R. do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 9-39.

PASNAU, Robert. *Thomas Aquinas on Human Nature, A philosophical Study of Summa theologiae I^o 75-89*. Cambridge University Press, 2004.

GÍLSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SPRUIT, L. *Species Intelligibilis from Perception to knowlegde*. In: Brill's Studies in Intellectual History. Leiden – New York – Koln, 1994.

WHITE, A. L. *The Picture Theory of the Phantasm*. Tópicos 29 (2005), p. 132-133.